

**TRANSCRIANDO YĂMIY
MAXAKALI – UM
GÊNERO NATIVO DE
POESIA IDEOGRÂMICA**

BICALHO, Charles¹

¹ *Doutorando em Literatura Brasileira pela UFMG.*

Resumo: Este artigo trata de um gênero de literatura indígena, especificamente da literatura dos Maxakali, povo que vive no Vale do Mucuri em Minas Gerais, falam e escrevem na língua Maxakali, do tronco lingüístico Macro-Jê. Verificamos a existência de um gênero de poesia que agora ganha as páginas de livros publicados como subsídio para o Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais. Propomos a transcrição, nos termos da teoria de Haroldo de Campos, como forma de tradução para esta poesia. E reconhecemos o Yãmîy como sendo um gênero que se estrutura segundo uma lógica paratática, muito mais que hipotática, o que o aproxima de gêneros tidos como ideogrâmicos. Para tanto, realizamos uma comparação com o gênero de poesia africana oriki, cujo mais aprofundado estudo literário foi realizado por Antônio Risério.

Palavras-chave: Yãmîy, transcrição, ideograma

Abstract: This article is about yãmîy, a gender of indigenous literature. More specifically, of the Maxakali literature. The Maxakali people lives in the Vale do Mucuri, in Minas Gerais state. They speak and write in your own language, called Maxakali, which relates to Macro-Jê linguistic stem. We verify the existence of a poetic gender, which nowadays has been published in book as didactic material for a indigenous educational program in the Minas Gerais estate. We suggest the “transcrição”, in terms of Haroldo de Campos’ theory of poetic translation, to the yãmîy. We recognize it as being a gender guided by a paratatic logic in its structure, which means it is a ideogramic gender like oriki from African culture, “transcriated” by Antônio Risério as well.

Key Words:

Mîmtat é o nome em língua maxakali para a *Crotalaria Incana*, também conhecida como xique-xique. A plantinha produz uma pequena vagem cheia de sementinhas. Como me foi demonstrado por Rafael Maxakali, os índios a apanham no mato e, depois de pedir para que o filho ainda pequeno abra bem a boca, eles a apertam lá dentro de um jeito que faz com que a pequena vagem da *mîmtat* dê um estalo, uma diminuta explosão, na cavidade oral da criança e pronto. “É para chamar a fala. Para a criança não ficar muda”, diz Rafael. Perplexo, pego a vagem na mão e examino. E pergunto: “As sementes são as palavras da língua?” Rafael sorri e confirma.

Uma dessas sementinhas da vagem da *mîmtat* é a palavra yãmîy. Uma importante palavra da língua dos maxakalis, índios que vivem no nordeste de Minas Gerais, precisamente no Vale do Mucuri. São em torno de mil indivíduos vivendo

numa reserva pouco maior que cinco mil hectares. Segundo os lingüistas, sua língua pertence à homônima família Maxakali, que por sua vez pertence ao tronco Macro-Jê. Macro-Jê e Tupi são os dois principais troncos lingüísticos indígenas do Brasil. Os maxakalis surpreendem por ainda manterem intacta não só sua língua, mas quase toda sua cultura, incluindo a religião, a organização social, os costumes, etc. Como nos ensinam os antropólogos, são um povo tradicionalmente seminômade, caçadores e coletores. Costumavam vagar por ampla área que se estende do sul da Bahia ao norte do Espírito Santo, abrangendo todo o nordeste de Minas. Depois de trágica história de contato com o chamado mundo civilizado, cujo início se registra há pouco mais de trezentos anos, acabaram por ter o território restringido aos limites que hoje se conhecem. São duas as aldeias em que se dividem suas terras: Pradinho e Água Boa. A primeira pertencente ao município de Bertópolis, a segunda, ao de Santa Helena de Minas.

Yãmîy quer dizer “canto” em Maxakali. E também “espírito”. Yãmîy é a concepção central para se entender a cultura e a religião Maxakali. Para o Maxakali o trabalho com a palavra é o cerne da vida, da religião e da cultura. Em sua concepção o ser humano nasce com um *koxux* (fala-se algo como “kochui” - palavra que na sua língua designa qualquer idéia ou manifestação de imagem: seja um desenho, uma fotografia, a sombra, e a própria alma). Quando morre, o ser humano deve ter seu *koxux* transformado em yãmîy. Para isso deve-se “coleccionar” yãmîys-cantos ao longo da vida (ALVARES, 1992).

Mais especificamente os yãmîys são cantos sagrados; verdadeiras composições poético-musicais (poemúsicas) cantadas nos rituais.¹ Os yãmîys referem-se aos yãmîys (lembremo-nos que a palavra designa tanto os cantos quanto os espíritos). Ou seja, para cada divindade Maxakali há pelo menos um canto correspondente.

Tais divindades incluem desde animas terrestres, como a paca, o tatu; voadores, como o morcego, o gavião, o papagaio; os insetos, como a cigarra; figuras míticas, dentre as quais o mais famoso provavelmente é *Inmõxã*, fera que caça humanos à noite nas matas, normalmente metamorfoseado em onça; e as almas dos humanos mortos, os parentes (ou *xape* em Maxakali).

DA ORALIDADE À ESCRITA

A escrita foi introduzida na língua maxakali por Harold Popovich, missionário do *Summer Institute of Linguistics* – SIL, órgão norte-americano que patrocina catequeses mundo afora. Popovich conviveu com os maxakalis na década de 60, alfabetizou alguns índios e lhes traduziu a Bíblia.

A Constituição Brasileira, em seu artigo 210, parágrafo segundo, dispõe: “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.” E no artigo 231: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.” Com base aí tiveram início em todo o Brasil programas de educação diferenciada para os povos indígenas. Em Minas se criou o Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais – PIEI-MG. Como parte do Programa objetiva-se a elaboração de material didático a ser usado pelos índios em suas escolas: cartilhas de alfabetização, livros de Geografia, Matemática, História e naturalmente obras literárias. Esta produção, no caso maxakali, costume ser bilíngüe. E sua literatura, antes exclusivamente oral, agora surge em livros. É assim que vemos nascer um novo e rico acervo literário a ser consumido também pela sociedade envoltória. O produto final, revela Maria Inês,

aponta para um modelo de texto cuja leitura demandaria antes os cinco sentidos do corpo, ao invés de um modelo logocêntrico, racional. Existe, portanto, a possibilidade de uma leitura semiótica dos livros indígenas, na medida em que, para os leitores/escritores pataxós, krenaks, maxakalis e xacriabás, pode observar que o texto verbal não tem predominância absoluta na produção de sentidos, como se dá normalmente com a literatura escrita. Podemos sobrepor, ao conceito de livro, o de projeto gráfico, considerando este termo na sua literalidade, livrando-o do peso vocabular técnico: o livro, como projeto e grafias, pode ser desculturalizado, retornando ao seu estado de coisa, para ser recolocado na cultura indígena (ALMEIDA, 2000: 48).

TRANSCRIANDO YĂMÎYS – O ESPÍRITO E A COISA

Eu não falo maxakali, mas o que aprendi da língua nos quase dez anos de contato, como professor do PIEI-MG, muita troca e aprendizado, me permite traduzir, em colaboração com os índios, seus textos e, no caso da poesia, buscar uma transcrição.

No processo de tradução de yămîys primeiro são elaboradas versões prosaicas traduzidas palavra por palavra, em colaboração com os índios na reserva. Depois, com calma, busca-se a reprodução dos sons, a musicalidade dos versos, com certo ritmo; tentam-se recriar algumas imagens que se compatibilizem com a profusão metafórica natural da língua indígena. E outros elementos que fazem de um texto um texto poético.

A transcrição de poesia é a tentativa, como escreve Haroldo de Campos, de captar o “espírito” do texto poético. Em suas palavras: “...ser fiel ao ‘espírito’, ao ‘clima’ particular da peça traduzida...” (CAMPOS, 1970: 26):

Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, da imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a iconicidade do signo estético, entendido por signo icônico aquele ‘que é de certa maneira similar àquilo que ele denota’). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal (CAMPOS, 1970: 24).

Assim, o que se pretende no caso de yămîys é se deixar cair na tentação de captar ou capturar o “espírito da coisa” no texto maxakali; sendo o espírito o significado e a coisa, o significante, para usarmos da terminologia semiótica. Aqui não é o símbolo que determina. É sim o ícone, que indetermina.

Vamos a um exemplo:

O yămîy seguinte foi registrado por Sandro Campos, lingüista da UFMG que pesquisa a língua maxakali.

‘ŌNYĂM

‘ōnyăm tuthi xux mǎhǎ

‘ōnyăm kutet xux mǎhǎ

‘ōnyăm ah hǎm tu yǎyhi ah

õnyãm mîm mōg yîmu yây hih
õnyãm toktet xux mǎhã
õnyãm 'ãto kopa mōyõn
õnyãm mîm kox kopa mǎm hu mōyõn
õnyãm a hãm tu mō ka'ok
õnyãm 'upip 'uxãm xi pip 'uxãm 'oknãg
õnyãm nãg upnok xi xepnak um

Numa tradução prosaica temos:

O OURIÇO

o ouriço come folhas de embaúba
 o ouriço come folhas de bambu
 o ouriço não anda de dia
 o ouriço anda em cima do galho da árvore
 o ouriço come folhas de mamona
 o ouriço dorme dentro do feixe de cipós
 o ouriço fica dentro do oco do pau e dorme
 o ouriço não anda rápido no chão
 tem ouriço que tem espinho e outros que não têm espinho
 o ouriço tem rabo e pêlos brancos

No entanto, se se persegue a poeticidade inerente a praticamente todo texto maxakali, e especialmente aos yãmîys, pode-se elaborar algo um pouco diferente.

Vejamos.

Não há o que fazer nos três primeiros versos. Já há inclusive uma assonância espontânea entre “embaúba” e “bambu” e o *ddd* de “anda de dia” do terceiro verso não é mal. No quarto verso podemos sintetizar “anda em cima do galho da árvore” em “caminha no galho da árvore”, em que os dígrafos *nh* e *lh* reverberam-se. O sexto verso, traduzido por “dorme dentro do feixe de cipós” (Sandro explica em pé de página que *'ãto* em Maxakali designa “feixe de cipós cujo interior é usado pelo ouriço como abrigo”), pode ser adaptado para “dorme num ninho de cipós”, onde as consoantes nasalizantes *m* e *n*, duplicadas, mais o *nh*, amaciam sonoramente o leito do ouriço. “No oco do toco”, do sétimo verso, reproduz a aliteração do *k* no verso original, *kox kopa*, literalmente “dentro do bura-

co ou oco”. Na língua maxakali, *kox* aparece, por exemplo, na composição de *konãgkox*, vocábulo para “rio”, que é a junção de *konãg* (“água”) + *kox* (“buraco”). Ou seja, “um oco ou buraco onde corre a água”. Sonora e visualmente, a palavra “toco” acolhe literalmente o “oco” dentro de si. O oitavo verso tenta se comparar, pela aliteração dos *ss*, em “vai suave sobre o solo”, ao original, também com aliteração, só que em *m*. O verso seguinte mantém a repetição *pip ‘uxãm xi pip ‘uxãm oknãg*, que literalmente em maxakali quer dizer “tem espinho e tem espinho pequeno” (*oknãg* quer dizer pequeno, diminuto), mas apresenta um verso mais sintético e harmonioso: “com espinho e sem espinho”. Por fim, o último verso traduz o quase anagrama do original, entre *upnok xi xepnak* (*xi* em maxakali é a conjunção *e*), em uma rima assonante interna: “rabo” com “claro”.

Sendo assim, temos a transcrição:

O OURIÇO

o ouriço come folhas de embaúba
 o ouriço come folhas de bambu
 o ouriço não anda de dia
 o ouriço caminha no galho da árvore
 o ouriço come folhas de mamona
 o ouriço dorme num ninho de cipós
 o ouriço dorme no oco do toco
 o ouriço vai suave sobre o solo
 tem ouriço com espinho e sem espinho
 o ouriço tem um rabo e pêlo claro

YÃMÎY COMO UM GÊNERO POÉTICO IDEOGRÂMICO

A poesia *yãmîy* é originalmente multimídia. No estilo das melhores *performances*. Um *yãmîyxop*, ritual sagrado maxakali em que se entra em contato com os *yãmîys*, é um espetáculo que apela aos cinco sentidos. Alguns podem dizer que também ao sexto. Mas essa questão fica para os esotéricos. O que sei é que nos rituais nas aldeias, canto, dança, poesia e teatro são indissociáveis. No aspecto visual, o figurino também não é menos importante. Cada *yãmîy* tem sua indumentária,

suas cores e formas de pintura, que enfeitam o corpo daqueles que encenam. Ouve-se, canta-se, vê-se, respira-se, tateia-se e degusta-se com intensidade num ritual yãmîyxop.

O tato acontece no contato físico entre os participantes. Há momentos na dança em que se formam grandes círculos em que todos giram abraçados.

O paladar também é aguçado, pois faz parte dos rituais a ingestão de bebida (principalmente café e cachaça – sabe-se que tradicionalmente os maxakalis usavam certo chá cuja composição se desconhece, mas que se perdeu no tempo e foi substituído pelas bebidas acima mencionadas) e comida. O alimento costuma ser servido em caprichados pratos com *xuinãg* (“arroz”), às vezes *pêyôg* (“feijão”), *xokkakak* (“frango”) ou carne de *xapup* (“porco”) ou *mûnûy* (“boi”) e *mãkãhãm* (“macarrão”). Se houver, também *kômîy* (“batata”), *kohot* (“mandioca”) e *paxok* (“milho”). A comida é uma oferenda aos yãmîys, que se satisfazem comendo vorazmente dentro da *kuxex*, a “casa de religião”.

O olfato, nas aldeias, é estimulado pelo cheiro do mato, da terra, do corpo e da fumaça, principalmente. Há muita fumaça (*kuho* – “corrô”). Seja impregnando os objetos e as pessoas, uma vez que, recolhidos ao lar, os maxakalis acendem fogueiras praticamente dentro de casa, o que acaba por defumar a tudo e a todos (é característico o cheirinho de fumaça que impregna os objetos maxakalis, seu artesanato principalmente), sejam os cigarros fumados durante os yãmîyxops. A fumaça é sagrada para os maxakalis. É considerada alimento dos espíritos. Por isso se fuma bastante, tanto nos rituais, quanto no dia-a-dia. Fuma-se tanto o *kohomanîy* (“cigarro preto”, que é o cigarro não industrializado, de palha ou enrolado em papel) quanto o *kohopodo* (“cigarro branco”, o cigarro industrializado). *Koho* é “fumaça”, e metonimicamente, “cigarro”. *Manîy* (“manin”), como já se percebeu, é “preto”, e *podo* (“pôdô”), “branco”. Nem Rimbaud, em luta para se libertar das amarras logocêntricas de sua França oitocentista, sonhou algo parecido em seus delírios sinestésicos.

O yãmîy não é uma forma fixa, como é o soneto no ocidente ou o haikai tradicional no japonês; ambos tendo determinada quantidade de versos, esquema métrico e esquema rímico. O yãmîy não sofreu a ação de nenhuma forja que pre-

tende enquadrar a expressão poética dentro de qualquer molde, como costuma acontecer na cultura de mentalidade tipicamente branca e/ou ocidental. Pode-se dizer que o *yãmîy* é um gênero natural e verdadeiramente livre.

Antônio Risério, em seu *Oriki Orixá*, coloca o oriki, gênero de poesia oral africana, ao lado de outros, como o haicai japonês, o soneto ocidental, etc. Com a diferença de que o oriki não é um gênero de forma fixa como o soneto, por exemplo, que exige determinado número e tipo de estrofe e rimas para ser considerado um exemplar. Ou ainda o haicai que também, ao menos em sua origem no Japão, é estritamente composto por três versos cuja métrica é 5-7-5 sílabas poéticas respectivamente.

Sobre o oriki, Risério explica: ele não é oração. É sim uma “figuração paratática do orixá” (RISÉRIO, 1996: 92). Entende-se a parataxe por oposição à hipotaxe. Décio Pignatari esclarece:

a parataxe é a organização por coordenação, e o seu pivô é o conjunto das chamadas conjunções coordenativas; a hipotaxe é a organização por subordinação, que se articula graças às conjunções subordinativas. No Ocidente, domina amplamente a hipotaxe, desde quando os árias, saindo do norte da Índia, falando sânscrito, e caminhando para o ocidente, se transformaram nos gregos, que produziram a fissão nuclear da linguagem e das cabeças, ao criar e desenvolver o sistema predicativo da língua (sujeito/predicado/objeto ou complemento), especialmente quando o verbo *ser* é aplicado: *tal coisa é tal coisa*. Daí nasceu a lógica ocidental, que já tomou conta de todo o planeta (PIGNATARI, 1995: 161).

Vejamos um exemplo de oriki. Trata-se do “Oriki de Oxumarê”, transcrito por Risério:

Oxumarê, braço que o céu atravessa
Faz a chuva cair na terra
Extrai corais, extraí pérolas.
Com uma palavra prova tudo
Brilhante diante do rei.
Chefe que veneramos
Pai que vem à vila velar a vida
E é tanto quanto o céu.
Dono do obi que nos sacia
Chega na savana ciciando feito chuva
E tudo vê com o seu olho preto (RISÉRIO, 1996: 154).

O oriki, assim como o yãmîy, é também um canto a um deus. No caso, deus africano: o orixá. Segundo Risério, citando o *Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros* de Cacciatore: “cântico de louvor que conta os atributos e feitos de um orixá” (RISÉRIO, p. 93).

Paratático, portanto, é o oriki, - e, segundo nossa hipótese, também o yãmîy - no sentido de que o discurso que o estrutura prescinde de conectores lógicos, como as conjunções, e não se organiza em períodos compostos por subordinação, o que dá à fala ou à escrita seu caráter hierarquizante, como normalmente acontece no discurso ocidental. “Com a hipotaxe ontológica, (...) onde as frases se montam por subordinação hierárquica (oração principal, orações secundárias), você pode montar argumentos, numa seqüência de causas e efeitos” (PIGNATARI, 1995: 162). “Já com a parataxe, todas as frases estão em pé de igualdade. Não há orações secundárias ou subordinadas: todas são principais. São frases que podem ser justapostas e encaixadas *ad infinitum*” (PIGNATARI, 1995: 162).

Tal é uma característica não só do oriki, mas também do yãmîy maxakali. Vemos que o poema do ouriço transcrito aqui não apresenta “frases que se montam por subordinação hierárquica” numa “seqüência de causas e efeitos”. Ele se mostra muito mais como um texto em que “as frases estão em pé de igualdade”, sem orações subordinadas, em que as frases “podem ser justapostas e encaixadas *ad infinitum*”. É certo que o fato de ser o yãmîy um gênero oral exerce influência neste aspecto.

Cada verso se coloca como uma idéia ou imagem completa, sem conectores lógicos entre as frases. Cada verso é uma frase completa. O paralelismo que há no poema, principalmente pela repetição do sintagma “o ouriço” a iniciar cada um dos versos reforça tal concepção.

Analisando o mesmo procedimento presente no oriki, Risério diz: “O *oríkì* é sobretudo uma espécie de montagem de atributos do objeto que tematiza. Uma construção epítetico-ideogramática. O que importa é isso: montagem de atributos, colagem de predicados, justaposição de particu-

laridades e emblemas”. E mais à frente: “O método de montagem. Um *oríkì* de Omolu, por exemplo, é uma espécie de ideograma do senhor das pestes” (RISÉRIO, 1996: 93).

Montagem, ideograma, eis o princípio que rege também o *yãmîy* maxakali.

Pound, provavelmente o maior teórico e realizador do método ideogrâmico, em seu *A arte da poesia*, no que alguns chamam de “manifesto imagístico”, vai preconizar para o poema:

- tratamento direto da coisa;
- economia de palavras;
- frase musical” (POUND, 1976: 09-II).

Se considerarmos um *yãmîy* maxakali vamos encontrar exatamente o que o norte-americano apregoa. Em cada *yãmîy* o tratamento do tema é direto, sem rodeio. O foco do poema é claro e todas as enunciações giram em torno dele.

Num *yãmîy* se tem também a quantidade de palavras na medida certa. Não há excesso, não há verborragia ou palavrório vazio. Usam-se os termos necessários para se dizer o que se pretende. E nada mais.

Obviamente num *yãmîy* a frase é musical naturalmente. Até porque são cantos. Sendo assim, musicalidade e palavras (para usarmos os termos do próprio Pound: *melopéia* e *logopéia*) estão interligadas visceralmente.

Tudo isso em função da construção de uma imagem. No caso, a imagem de um totem (tal construção de imagens na poesia, Pound denomina *fanopéia*).

Claro que com isso não queremos dizer que os índios são “vanguardistas”. Mas que eles intuitivamente realizam algo que a vanguarda busca racionalmente, através de pesquisas, tentativas e erros. No sentido que Fenollosa diz que “a poesia apenas faz conscientemente aquilo que as raças primitivas faziam inconscientemente” (CAMPOS, 1994: 128). De acordo com isso é que Wellek e Warren, em *Theory of Literature*, reconhecem que há certa linha descendente que liga os padrões atuais da literatura ao passado oral em cada cultura e, conseqüentemente a recorrência do retorno ao primitivo e falam de sua importância, sobretudo no que tange à literatura

folclórica ou oral, para os estudos de teoria do gênero e de como a literatura necessita se “re-barbarizar” (não só a literatura mas todas as artes e por extensão a cultura de um povo):

Some important topics for genre theory we should like to suggest, though we can offer only questions and tentatives. One concerns the relation of primitive genres (those of folk or oral literature) to those of a developed literature. Shklovsky, one of the Russian formalists, holds that new art forms are 'simply the canonization of inferior (sub-literary) genres'. Dostoyevsky's novels are a series of glorified crime novels, romans à sensation, 'Pushkin's lyrics come from album verses, Block's from gipsy songs, Mayakovsky's from funny-paper poetry'. Berthold Brecht in German and Auden in English both show the deliberate attempt at this transformation of popular poetry into serious literature. This might be called the view that literature needs constantly to renew itself by 're-barbarization' (WELLEK & WARREN, pp. 235-6).

Para Eisenstein: “Montagem é a idéia que nasce da colisão de duas tomadas independentes” (CARONE NETTO, 1974: 103-4). Em seu “Palavra e imagem” (*O sentido do filme*, 2002), ele vai compará-la em nível lingüístico com as palavras *portmanteau* de Lewis Carrol, também conhecidas como palavras-valise, uma palavra dentro de outra, ou dois vocábulos justapostos dando origem a uma nova e criativa palavra: “dois significados colocados em uma palavra, como se a palavra fosse uma mala *portmanteau*” (EISENSTEIN, 2002).

Eisenstein vai, em seu famoso estudo “O princípio cinematográfico e o ideograma”, analisar o haikai e o tanca, gênero mais antigo que derivou o primeiro, e dizer: “Ambos são pouco mais que hieróglifos transformados em frases. Tanto que metade de sua qualidade é avaliada por sua caligrafia. (Podemos pensar que no caso de uma obra oral, tal metade deve ser avaliada em função da *performance*) O método de resolução de ambos é inteiramente análogo à estrutura do ideograma” (CAMPOS, 1994: 152).

“Do nosso ponto de vista, estas são frases de montagem. Séries de tomadas” (CAMPOS, 1994: 153) acrescenta Eisenstein sobre o haikai. É como se cada verso fosse a tomada de uma cena num filme. Entre um e outro há um corte. Como se cada verso fosse um fotograma. Ou, como diz Modesto Carone em seu estudo sobre a poesia de Georg Trakl,

“... as imagens isoladas do poema se comportam como as ‘tomadas’ ou os fotogramas montados num filme...” (CARONE NETTO, 1974: 15) O mesmo se dá no caso dos poemas maxakalis: cada verso pode ser visto como a tomada de uma cena, como se o poema fosse um roteiro sintético.

Ou seja, o que temos aqui é o que é chamado de “montagem de atributos”. No caso, atributos de um totem, o martin-pescador pequeno. Nos dizeres de Géfin: “*the very basis of the ideogramic method, Pound’s ‘intuitive affinity for description by particulars’*”... (GÉFIN, 1982: 05). Da mesma maneira que no método ideogrâmico poundiano, os yãmîys maxakalis também apresentam os atributos dos seres cantados. O yãmîy maxakali é um ideograma que presentifica um deus ou totem. Sua estruturação se dá basicamente por montagem. A mesma montagem que é pressuposto do haikai e do oriki de Risério e que no cinema de Eisenstein, é uma “atividade de fusão ou síntese mental, em que pormenores isolados (fragmentos) se unem, num nível mais elevado do pensamento, através de uma maneira desusada, emocional, de raciocinar – diferente da lógica comum” (CARONE NETTO, 1974: 103).

O yãmîy é no âmbito maxakali o que o oriki é no âmbito africano. Assim como os orikis, que Risério reconhece como um gênero de poesia, os yãmîy são uma espécie de avatar que também expressa a concretização de um espírito ou totem na terra através do método da montagem ou ideograma.

NOTAS

Desde a origem do termo “poesia” já se pressupunha a união entre música e palavras. No *Banquete* platônico, Diotima, em diálogo com Sócrates, afirma, ao discorrer sobre “poetas”, que “de toda a criação artística apenas uma parte é considerada, a que se ocupa da música e dos versos, e que justamente a ela se dá o nome que pertence ao todo. Só essa parcela, como sabes, é chamada de poesia, e os que a realizam, de poetas.”

BIBLIOGRAFIA**LIVROS MAXAKALIS:**

Mõnãyxop 'ãgtux yõg tappet/O livro que conta histórias de antigamente. Belo Horizonte: Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais-SEE/MG/Brasília: MEC, 1998.

Yãmîy xop xohi yõg tappet/Livro de cantos rituais maxakali. Belo Horizonte: SEE/MG/Brasília: FUNAI, 2004.

Penãhã – livro de Pradinho e Água Boa. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/CGEEI/SECAD/MEC, 2005.

OUTRAS REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Maria Inês. “Os índios, seus livros, sua literatura.” In: *Escola Indígena – índios de Minas Gerais recriam a sua educação.* BH: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais. Abril de 2000, pp. 45-65. (Coleção Lições de Minas, v. VI)

ALVARES, Myriam Martins. *Yãmîy, os espíritos do canto - a construção da pessoa na sociedade Maxakali.* Dissertação de mestrado apresentada ao Depto. De Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia. Belo Horizonte, 1986.

ANTUNES, Marisa Aparecida. *Pequeno dicionário indígena Maxakali-Português, Português-Maxakali.* Juiz de Fora: [s.n.], 1999.

BARTHES, R. *Aula.* 6ª ed. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. SP: Cultrix, 1978.

BICALHO, Charles. *Narrativas orais Maxakali – uma proposta de transcrição e análise.* Dissertação de mestrado junto ao Departamento de Espanhol e Português da Universidade do Novo México. Albuquerque, Novo México, EUA: julho de 2004.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem – Ensaio de Teoria e Crítica Literária.* 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____. *Panorama do Finnegans Wake.* SP: Perspectiva, 1986.

_____. (org.) *Ideograma: lógica poesia linguagem.* 3 ed. SP: Ed. da USP, 1994.

CARONE NETTO, Modesto. *Metáfora e Montagem*. SP: Perspectiva, 1974.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. Tradução: J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. SP: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates – Filosofia).

Constituição da República Federativa do Brasil. Editada por Antonio De Paulo. 17 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2004.

EISENSTEIN, S. “O princípio cinematográfico e o ideograma” In: *Ideograma: lógica poesia linguagem*. CAMPOS, Haroldo de. (org.) 3 ed. SP: Ed. da USP, 1994. pp. 149-66.

GÉFIN, Laszlo K. *Ideogram – history of a poetic method*. Austin: U. of Texas P., 1982.

PEREIRA, Deuscreide Gonçalves. *Alguns aspectos gramaticais da língua maxakali*. BH: 1992. Dissertação de mestrado em Linguística apresentada ao Depto. De Letras da UFMG.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. 3ª ed. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. SP: Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos – Semiótica)

PIGNATARI, Décio. *Letras, artes, mídia*. São Paulo: Globo, 1995.

POPOVICH, Harold. “The sun and the moon. A Maxakali text.” In: *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*. Edição especial Summer Institut of Linguistics, 1971.

_____. “Maxakali supernaturalism.” Comunicação ao Summer Institute of Linguistics, 1976a (mimeo).

_____. “Maxakali myths on cultural distinctions and Maxakali sense of inferiority to the national brasilian culture.” Summer Institute of Linguistics, 1976b (mimeo).

POUND, Ezra. *A arte da poesia*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

RISÉRIO, Antônio. *Oriki Orixá*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

WELLEK, René & WARREN, Austin. *Theory of literature*. 3 ed. San Diego, New York, London: Harcourt Brace & Company, s. d.

ZUMTHOR, Paul. *La letra y la voz*. Madrid: Cátedra, 1989.